

## Protocolo de Identificação do Entrevistado 06

Baseado em Triviños A. (2007:158)

01. **Instituição:** Faculdade de Motricidade Humana/Universidade Técnica de Lisboa
02. **Pesquisa:** RITUAIS TRADICIONAIS COREOGRÁFICOS: a tradição dos povos do grupo central de ilhas.
03. **Orientadora:** Margarida Moura
04. **Investigador:** Flávio Antônio de Azeredo
05. **Informante:** António Abel de Souza
06. **Profissão/Estatuto:** Agricultor
07. **Tipo de Investigação:** Entrevista aberta com observação livre
08. **Material utilizado:** Filmadora, câmara fotográfica e bloco de anotações
09. **Local:** Vila do Engenho – Freguesia do Topo – São Jorge – Açores – Portugal
10. **Data:** 07 de julho de 2007
11. **Duração:** 42min
12. **Data da análise da entrevista:** 10 de agosto de 2008
13. **Endosso do informante:** 07 de julho de 2007

### Legenda

- I – Investigador
- \*I – Informante
- \_\_\_\_\_ Pausa
- / - Interrupção

### Transcrição da entrevista

**Informante:** António Abel de Souza

**Data:** 07 de julho de 2007

**Local:** Vila do Engenho – Freguesia do Topo – São Jorge – Açores – Portugal

I - Então seu vamos iniciar a entrevista falando sobre a Desfolhada do milho.

I – Seu Abel. Pra tirar a casca do milho. Como é que vocês faziam?

\*I – Isso era uma alegria para rapazes novos... Havia a raparigada e quando achava a maçaroca vermelha já iam dar um abraço nas raparigas. Às vezes dizia que acharam e não era para dar o abraço.

I – E depois dava algum namoro? Como era isso?

\*I –... E as maçarocas pintadas, que eram se uns grãos. E só fossem grãos vermelhos ou pintados de vermelhos na maçaroca os cavalheiros iam dar um beijo nas raparigas. Algumas que não gostavam flexionavam os troncos e escondiam a cabaça para não ganharem os beijos. E quando

havia algum grão preto davam beliscões. Quer dizer: Pras rajadas era um beijo. Pros pretos era um beliscão.

I – E beliscava quem?

\*I – A pessoa que estava à frente da gente e dizia: Passa adiante e toda a gente levava um beliscão. Isto era uma “risada” pra toda agente

I – E vocês depois que acabavam de fazer esse trabalho. O que costumavam a fazer?

\*I – Às vezes bailava-se.

I – Bailavam o que?

\*I – Ao toque de viola, bailavam a Chamarrita, um fado ou outra coisa para encerrar.

I – Só os rapazes, ou as raparigas também?

\*I – Tiravam aquelas coisas todas do centro da casa e iam bailando. Isto era no mês de outubro sim... Também se juntavam lá uns para fazer “crêmeaduras”, não havia dinheiro, então matavam as ovelhas para tirar a lã e fazer umas calças uns casacos...

I – O que seria “crêmear”?

\*I – Cardar a lã!

I – E me diz uma coisa! A palha seca que era tirada do milho. Faziam o que com ela depois?

\*I – Ia tudo pra capuchas, para o gado comer. Também se usava os colchões com a palha de milho e também a palha da cevada. Nesta altura me lembro que havia uma pequena debulha e chegou lá uma rapariga, uma mulher que vivia sozinha e pediu-me palha de cevada para um colchão e eu disse: Ó mulher leva e ela levou a palha quase toda. Sabe pro que era? Ela tinha lá duas vacas e era pra elas comer. Risos.

I – E a Matança do Porco. O senhor poderia falar para nós sobre a Matança do Porco?

\*I – A Matança do Porco. Convidava-se o marchante que era quem matava o porco. Nem todos matavam naquela altura. Ia-se atrás, mas ele dizia: olha já tenho dois pra tal dia, mas eu vou, eu vou... acertava-se com aquele marchante e um pessoal para ajudar e a famílias. A Matança do Porco (hoje se mata o porco sozinho e ninguém fica, a saber)... Naquele tempo convidava-se as famílias e até para a noite. Vai lá ver o meu porco! Eram bons tempos. Dava-se o almoço... A manhã era o pão e o queijo e café e pão de milho e biscoitos, antes da matança do porco. E depois ao meio dia era sopa e feijão... quando já estava na rua brindava-se com água ardente e angelica ou vinho... aquilo era guardado só para o dia da matança, era um estímulo.

I – E o sangue? Vocês aproveitavam?

\*I – Sim! Era pra fazer as morcelas e o sarapatel...

I – E como matava ele?

\*I – Eram cinco ou seis pessoas. O porco era dessa altura (mais ou menos 90 cm). Era dentro do carro de bois, virava-se e amarrava bem juntinho. Hoje matam num banco... era com faca. A faca tinha que ir ao coração, mas às vezes não. Uma vez o marchante partiu as facas, porque não ia à veia certa e depois foram pedir uma faca a cozinha (também ele já andava meio desarranjado)...sairam até uns versos...

I – E depois da facada?

\*I – Era chamuscado com mato e depois foi rapado... E daqui a pouco se ouviu dizer: O porco ta seco, o porco ta seco. Querendo aguardente, queriam beber. Era a festa do porco.

I – E depois?

\*I – Ia para casa. O porco ficava dependurado. E no outro dia desmanchava-se o porco...

I – E os miúdos do porco o que faziam?

\*I – Fazia os enchidos, era a salsicha a lingüiça e o chouriço. Era tudo.

I – E qual era a diferença do Chouriço para lingüiça?

\*I – A diferença é que o chouriço e a salsicha levavam pele do porco e a lingüiça à carne do porco...

I – Então depois o porco ficava dependurado na casa?

\*I – Ficava dependurado na casa e agente ia se deitar e no outro dia de manhã e ia desmanchar derreter a banha. Salgava-se. Naquele tempo tudo era feito à base do sal.

I – E que hora essas pessoas chegavam para dançar? Como é que era?

\*I – Era depois da ceia. Agente fazia aquela ceia mais cedo e dizia: olha vem a “Pessegada” para bailar e então fazia a “Pessegada”. Às oito horas a ceia tava na mesa e depois ficava a bailar até as quatro ou cinco horas da manhã.

I – E as pessoas já estavam na casa do marchante e daí como é que funcionava? Como começava essa dança?

\*I – Eram oito rapazes que já estavam ensaiados cá fora. E depois começava a cantar à porta deles e dizia assim:

Lá no céu vai uma nuvem ai,  
Muita água a chover no mar he,  
E mandai-nos abrir a porta aí,  
Que agente quer se abrigar he.

E depois entram pra dentro, mas havia mais cantiga, sete ou oito cantigas. E depois entrava pra dentro e a cantiga era (isso é a “Pessegada”).

Senhora dona da casa,  
Tem uma “gata silveira”  
Saía dê ai pra fora  
Com “os biscoitos na bandeira.”

E depois ficava aquele pessoal a dar boa noite, boa noite e dançava aquilo que agente tinha ensaiado.

I – E o senhor lembra de alguns passos como é que se dançava a formação eram filas, rodas?

\*I – Eram oito e entravam a casa adentro, a porta adentro e faziam assim (demonstração).

E depois de dizer noite,

A manhã chegai”  
Deus te dê graças nos olhos

Quando para mim olhar.

E depois dizia assim: Trança... as cantigas iam a propósito da dança...

Essa trança de cabelo,

Quem a fez foi tia Rita...

Eram duas filas: quatro por aqui e quatro por ali. E Tranceava assim (formando S), sempre acompanhado da viola. Depois andava-se assim: pra frente sempre e era sempre em fila e para Fugar e encaixar a perna era de roda. E pra encaixar a perna cantava:

Ó Pedro encaixa a perna,

Ó Pedro encaixa bem,

E andava-se assim a roda inteira e depois o mandador dizia assim: Para o outro lado...

I – e os braços. Com faziam?

\*I – Os braços eram caídos, era assim. Só o tocador que não porque ia a encaixar a perna e a tocar a viola. Aquilo era mais difícil... Eu para encaixar e a perna e para Fugar tinha que pular. Eu andava sempre volta e meia. Volta em roda.

I – E o senhor lembra como eram feitos os comandos, as passagens?

\*I – Era a Fusa, o Encaixa a Perna e a Trança. A Fusa era uma coisa (puladinho com a perna elevada) e a Roda Cheia. E a Trança agente cantava a trança de cabelo, e os braços sempre soltos.

I – E depois quando terminava a dança, o que vocês faziam?

\*I – Quando terminava a dança agente dançava a Chamarrita. A “Pessegada” Tinha a Trança, tinha o Encaixar a perna e tinha a Fusa e depois uns bailavam com as mulheres. Os homens bailavam pra aqui e as mulheres para o outro lado, mas era tudo com ensaios...

I – E vocês convidavam as mulheres para bailar a Chamarrita daí?

\*I – Não! A Chamarrita era só conosco. Só os homens e depois é que diziam. Vamos ao baile de roda, vamos ao baile de roda. E buscavam as mulheres e ficavam todos no salão.

I – Então só para esclarecer. Os Pêssegos eram só os homens?

\*I – Eram só os homens

I – E a Chamarrita também?

\*I – Era só os homens, o pessoal dos Pêssegos.

I – E como é que dançavam as Chamarritas?

\*I – Era com quatro pares. Oito homens. Era assim: Quebra um par, Transeia, Vamos para direita, Fica de roda e as manobras eram assim.

I – E depois que acabavam a Chamarrita?

\*I – Ia se bailar com os donos da casa e com o pessoal que estava convidado e se bailava o resto da noite.

I – Quais as outras danças?

\*I – A Tirana, o Pezinho, a Sapateia, a Lira, Eu Cá sei, a Saudade o Ladrão Batido, o Rema.

I – E na Chamarrita o senhor lembra-se dos passos que dançavam?

\*I – Os passos.. A Chamarrita é a mais ligeira (passos ternários)

I – E o senhor sabe dizer por que se chamavam Pêssegos.

\*I – isso tem uma linha qualquer, mas eu já não sei dizer... eu não sei a raiz de onde esses Pêssegos vieram.

I – E com quem o senhor aprendeu a dançar os Pêssegos?

\*I – Olha foi por gente antiga que me ensinaram, pois eu não sabia. Eu entrei na “pessegada” quando tinha doze anos

I – E o senhor tem agora quantos?

\*I – Tenho setenta e nove

I – Qual o dia do seu aniversário?

\*I – Dia 03 de Fevereiro...

I – O senhor não exatamente a pessoa que lhe ensinou a dançar?

\*I – Lembro-me sim senhor

I – Quem era?

\*I – O avô do Joaquim neto que casou com a minha sobrinha.

I – Em que ocasião?

\*I – Ensinou-me a viola também. À noite nós íamos para casa dele para aprender mais coisas. Foi aí que me arranjei e outros rapazes também. Não havia ninguém que tocasse e bailasse uma Chamarrita tão bem....os rapazes eram solteiros e casados, não havia muita escolha um queria ir o outro, eu também .

I – Então primeiro aprendiam para depois apresentar

\*I – Há! E eram ensaios e ensaios.. pra não ter vergonha

I – E a roupa como era?

\*I – Era a que a gente vestia. Não havia fantasia. Era casaco, camisa... Barrete ou Cachecol feito de lã. Era “arroxado”, azul ou vermelho e agente lá naquelas casas e saía pra fora e colocava o cachecol... na hora de dançar ele ficava só no pescoço... e o calçado era um sapato... para dançar, tirava-se a roupa do trabalho e vestia uma roupa mais limpa. Levava o sapato de ir à missa... havia também os Mascarados e as vezes era interessante que não se abria a porta a mascarados nenhum por qual foi a razão? Por esta: Porque estávamos ali a dançar numa casa numa “Pessegada” e havia um pessoal de uma família que não estava muito boa com esses donos da casa que abriram a porta a uns mascarados e eles dançaram (eram dois), tocaram a viola.. e depois andaram. E depois os outros não podiam dançar mais, pois eram um cheiro a marreta que a gente ficou a espirrar todos e abrir as portas e janelas e a gritar foram aqueles podres que estavam mal com agente e vieram aqui. Foram deitar água na casa para agente depois bailar e foi assim. Então se era mascarado depois tinha que dizer quem era, se não podia entrar... eram todos homens, mas se vestiam de mulheres as vezes. Lá eram três, duas mulheres e um homem. Quer dizer tudo homem, mas dois deles vestidos de mulheres. Tinham que iam nos bailes onde não

estavam convidados ...era mais pela noite a baixo (mais tarde). Chegavam a porta e o dono ia abrir e dizia: Entra e então queriam também dançar ali e depois mostravam a cara e pronto.

I – Vestidos de mulheres eles usavam perucas. Como eles faziam com os cabelos?

\*I – Usavam cabeleiras de lã de ovelha e na cara mascara pintada. Ninguém os conhecia... usavam até vestidos.

I – E os peitos?

\*I – Punham sim senhor, parecia mesmo mulher.

I – E nas pernas?

\*I – Meias e alguns que tinham as pernas mais bonitas usavam até mini saia. Parecia mesmo mulher... sapato de mulher.

I – Chegavam às casas e faziam o que?

\*I – Iam bailar.

I – Tinha música?

\*I – Do povo da casa... bailavam sempre um fado ou coisa assim...primeiro sozinhos (uns com os outros) e sem máscara, ficavam a bailar. Eram rapazes e uns até cantavam a Chamarrita...

I – Por que o senhor acha que as pessoas iam dançar numa carneação de porco...?

\*I – Para passar um bocado. Se distrair...

I – Me diz uma coisa. Depois que dançavam os Pêssegos vocês comiam carne de porco ou não?

\*I – Não. Eram figos passados, aguardente, vinho...em algumas casas licores caseiros e anis... espécies de milho também. Feita com farinha de milho e leva açúcar. Há aqui uma senhora que ainda faz pra vender...

I – Se na hora da dança algum rapaz errava o passo, o que é que faziam?

\*I –... Naquele tempo não havia luz dessas. Havia vela... umas luzes de candeia...

I – Então seu António obrigado pela atenção.

\*I – Não eu não disse mais porque não sabia.